

Plano B para financiamento interno

Investidor externo pode ser alternativa para melhorar perfil e alongar prazo dos papéis

SILVIA ARAUJO
SÃO PAULO

A redução da necessidade de financiamento externo, que implicará menor volume de captações soberanas, e a relativa estabilidade da taxa de câmbio podem criar demanda estrangeira para os papéis da dívida mobiliária federal emitidos no mercado doméstico. O assunto foi abordado na última viagem dos executivos do Tesouro Nacional à Ásia e Nova York e bem aceito pelos investidores, conforme o secretário-adjunto do Tesouro, José Antonio Gragnani. Internamente, os analistas dizem que, mais do que a credibilidade conquistada pelo País nos últimos anos, o grande atrativo dessa operação é a taxa de juros paga pelos papéis emitidos nos leilões primários da Secretaria do Tesouro. Um título prefixado com prazo de seis meses está garantindo ao investidor rentabi-

A DIVISÃO DO BOLO
Compra de título da dívida interna em março
(em % do total)

Banco comercial nacional	62,61
Banco comercial estrangeiro	16
Banco de investimento nacional	0,73
Banco de investimento estrangeiro	5,59
Corretora/Distribuidora nacional	12,65
Corretora/Distribuidora estrangeira	2,42
Subtotal nacional	78,99
Subtotal estrangeiro	24,01

Fonte: Tesouro Nacional

lidade de quase 20% ao ano.

Segundo Gragnani, os investidores estão reagindo muito bem aos resultados obtidos pelas políticas fiscal e monetária do País, o que contribui para manter o mercado aberto para as operações do governo e de empresas brasileiras. Uma prova disso é que a República só espera a redução da volatilidade externa para retomar, ainda que em menor escala, o programa de captações deste ano. Pouco mais de dois terços do programado já foi cumprido.

Não existe entrave burocrático para que os estrangeiros comprem os papéis da dívida interna, desde que eles tenham um correspondente no País ou

elejam uma instituição para custodiar os títulos enquanto os mantêm em carteira. O maior obstáculo, segundo os analistas, refere-se à questão cambial. Esses investidores só vão se sentir confortáveis em fazer esse tipo de operação por um prazo mais longo se acreditarem que o risco cambial será baixo; caso contrário, o descasamento de moeda (a do país de origem da aplicação e o real) pode resultar em prejuízo. Nos últimos dias, mesmo com o ambiente externo mais volátil, o câmbio doméstico tem procurado responder mais ao fluxo de recursos que chega ao País, principalmente das exportações. Ontem, o dólar fechou a

R\$ 2,522, em baixa de 0,63%.

Não há uma estatística precisa do volume de papéis da dívida doméstica em poder dos estrangeiros, mas o comportamento dessas instituições nos leilões do Tesouro pode dar uma idéia do interesse pelos títulos — esses bancos operam em nome de investidores domésticos e externos.

Em março, o Tesouro emitiu R\$ 37,8 bilhões em papéis, sendo R\$ 6,6 bilhões referentes a operações de trocas. Do total, 62,61% foram adquiridos por bancos comerciais brasileiros. Os bancos comerciais estrangeiros compraram uma parcela menor, de 16%. No que se refere aos bancos de investimentos, os estrangeiros adquiriram mais papéis da dívida interna, 5,59% do total, contra 0,73% dos bancos de investimentos nacionais. As corretoras brasileiras ficaram com 12,65% dos títulos emitidos no mês passado e as estrangeiras, com 2,42%. Quanto às características dos papéis, as instituições estrangeiras compraram 46,6% do volume emitido de títulos com rentabilidade prefixada. Já as instituições nacionais preferiram os pós-fixados, garantindo a aquisição de 87,8% do total.